

GUIOMAR TORREZÃO E JULIA LOPES DE ALMEIDA: CRÍTICA LITERÁRIA FEMININA E UMA PONTE PORTUGAL- BRASIL NA IMPRENSA PERIÓDICA

GUIOMAR TORREZÃO AND JULIA LOPES DE ALMEIDA: FEMALE
LITERARY CRITICISM AND A PORTUGAL-BRAZIL BRIDGE IN THE
PERIODICAL PRESS

Letícia dos Montes Melo¹
Phablo Roberto Marchis Fachin²
Julia de Souza Lopes³

RESUMO: Este artigo analisa o diálogo crítico estabelecido entre Guiomar Torrezão e Júlia Lopes de Almeida, com base em dois textos publicados na imprensa periódica luso-brasileira do século XIX, nos quais as autoras escrevem uma sobre a outra. A pesquisa parte da transcrição conservadora dos textos – compreendida aqui como procedimento metodológico filológico – e propõe uma leitura que considera a materialidade, o contexto de circulação e os recursos retóricos mobilizados por ambas. Proeminentes escritoras em suas épocas, Torrezão e Almeida publicaram obras e críticas literárias, especialmente em periódicos do Brasil e de Portugal, e inclusive em periódicos feministas. O artigo traz breves biografias das escritoras, de forma a contextualizar seus papéis e impacto na imprensa periódica feminina lusófona do século XIX, e busca explorar os principais tópicos de discussão presentes nas críticas por elas tecidas, em busca de compor um diálogo entre as duas autoras, criando uma reflexão sobre a crítica literária feita por mulheres e a publicação feminina na Imprensa Periódica.

Palavras-chave: Imprensa Periódica; Crítica Literária; Literatura Feminina; Guiomar Torrezão; Julia Lopes de Almeida.

ABSTRACT: This article aims to produce conservative transcriptions and analyze, under a philological methodology (Azevedo Filho, 2006, p. 16), two critical-literary contributions: one by the Portuguese writer Guiomar Torrezão and the other by the Brazilian writer Julia Lopes de Almeida, in the nineteenth-century Lusophone periodical press. The analysis is based on conservative transcriptions of these critiques: one in which Guiomar Torrezão offered an appreciation of Julia Lopes de Almeida, and another in which Julia Lopes de Almeida praised Guiomar Torrezão. As prominent writers of their time, Torrezão and Almeida published works

¹ Mestranda em Filologia Portuguesa, com viés histórico-literário, sócio-histórico em interface com as Humanidades Digitais na Universidade de São Paulo (USP).

² Doutor em Letras - Filologia e Língua Portuguesa, pela Universidade de São Paulo (USP). Professor Associado do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (USP).

³ Mestranda em Filologia e Língua Portuguesa no Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. Monitora e professora de Língua Armênia pelo PROIAD- USP.

and literary criticism, particularly in periodicals from Brazil and Portugal, including feminist periodicals. The article presents brief biographies of the writers to contextualize their roles and impact within the nineteenth-century Lusophone women's periodical press, and seeks to explore the main discussion topics present in their critiques, with the aim of establishing a dialogue between the two authors, fostering a reflection on literary criticism written by women and on female authorship in the periodical press.

Keywords: Periodic Press; Literary Criticism; Female Literature; Guiomar Torrezão; Julia Lopes de Almeida.

1 Introdução

A Filologia é uma ciência que se dedica à análise, reconstrução, edição e interpretação de testemunhos escritos, considerando sua dimensão material, histórica e linguísticas. Essa abordagem envolve localizar fontes, compará-las criticamente, transcrevê-las de forma rigorosa e interpretá-las à luz do contexto de produção e recepção. Nas palavras de Azevedo Filho (2006, p. 16), a Filologia é uma “ciência que se volta, deliberadamente, para a análise e compreensão dos textos, no caso recorrendo a critérios que melhor possam aproximar um texto à última vontade consciente de seu autor”.

A Crítica Literária, por sua vez, também uma ciência do texto, correlacionada à Filologia, se vê potencializada, uma vez que é por meio “das apreciações críticas que melhor se pode discernir os dispositivos de recepção e as configurações de valor estético em jogo numa determinada situação histórico-literária” (Martins, 2009). Território majoritariamente masculino no século XIX e até a metade do século XX (Lima Duarte, 1990, p. 19), a Crítica Literária feita por mulheres, especificamente, foi destinada a um estatuto de inferioridade imposto pelo intelectuais da época, o que deu início a um apagamento sistemático de escritoras que produziram e publicaram críticas literárias.

Segundo Julia Lopes de Almeida, escritora brasileira do entresséculos XIX-XX, “De vez em quando desamarravam a Crítica, essa cadelinha arteira, de dentes aguçados e olhar riso; a endiabrada saltitava um pouco, mordendo uns e festejando outros...” (ALMEIDA, 1889, p.23). Tendo proposto Almeida que a crítica literária é uma “cadelinha arteira”, aqui complementamos que a Filologia poderia ser a mão que a alimenta, pois, de acordo com Herrero (1965, p. 170), a Filologia é tudo “que é necessário para conhecer a correta interpretação de um texto literário”. Partindo desse pressuposto, pode-se assinalar essa íntima relação entre as áreas aqui cruzadas.

Neste artigo, tomamos a definição de Azevedo Filho para guiar o processo de análise das críticas literárias produzidas por Guiomar Torrezão e Julia Lopes de Almeida, de forma a expor a existência desses textos por meio de um trabalho de transcrição conservadora (Cunha, Megale e Cambraia, 1999)⁴ realizado de forma a preservar sua forma original. Ainda, a Filologia opera como um intermediador entre tal “vontade consciente” das autoras e os leitores do tempo presente ao extrair desses textos sua localização histórico-temporal, a interpretação de sua linguagem e sua relevância antes e hoje.

⁴ A transcrição conservadora foi realizada de acordo com as “Normas de Transcrição de Documentos Manuscritos e Impressos: Edição Semidiplomática” do Projeto para a História do Português Brasileiro (PHPB), contidas em Cunha, Megale e Cambraia. A carta de Pero Vaz de Caminha: reprodução fac-similar do manuscrito com leitura justalinear. São Paulo: Humanitas. 1999. Acesso em: 25 jun. 2025.

Baseando-se na relação entre Filologia e Crítica Literária e tendo em vista o papel da crítica por ou a respeito de mulheres, este artigo tem como objetivo o resgate da trajetória de duas autoras esquecidas pelo cânone literário e a composição de um diálogo entre elas. Trata-se de Guiomar Torrezão e Julia Lopes de Almeida, mulheres que produziram escritos relevantes e que conseguiram prestígio entre os seus contemporâneos durante o entresséculos XIX-XX. A primeira, portuguesa, a segunda, brasileira. Ambas com uma importância social irreverente que atravessava os mares numa ponte Portugal-Brasil.

Assim, trazemos à tona um artigo de Guiomar Torrezão sobre Julia Lopes de Almeida, e um artigo de Julia Lopes de Almeida sobre Guiomar Torrezão, possibilitando, dessa forma, o entendimento da crítica textual feminina no século XIX e XX a partir da própria voz feminina discursiva.

Este artigo está organizado em seis seções. Após esta introdução, a segunda seção apresenta uma breve contextualização biográfica de Guiomar Torrezão e Júlia Lopes de Almeida, com ênfase em suas atuações na imprensa periódica e na construção de suas trajetórias autorais. A terceira seção analisa os pontos de convergência entre as duas escritoras, destacando suas contribuições à crítica e à reflexão sobre a condição feminina na imprensa luso-brasileira. Na quarta seção, são apresentadas as transcrições conservadoras dos textos de Torrezão e de Almeida que constituem o corpus do estudo. A quinta seção oferece uma análise crítica desses textos, explorando suas estratégias discursivas, retóricas e políticas. Por fim, a sexta seção reúne as considerações finais, retomando os principais resultados e apontando possíveis desdobramentos para futuras pesquisas.

2 Entrelaçamento: Guiomar Torrezão e Julia Lopes de Almeida

2.1. Guiomar Torrezão e a Imprensa Periódica feminina

Guiomar Delfina de Noronha Torrezão nasceu em Lisboa, em 26 de novembro de 1844, e faleceu na mesma cidade, em 22 de outubro de 1898, vítima de uma lesão cardíaca, aos 53 anos. Romancista, ficcionista, dramaturga, poeta, jornalista, tradutora e ensaísta, Guiomar Torrezão foi uma das primeiras mulheres a tornar a escrita o seu trabalho. Nunca casou ou teve filhos, tendo dedicado sua vida a este ofício. Quando faleceu, vivia com a irmã, Maria Felismina de Noronha Torrezão.

Filha de José Joaquim de Noronha Torrezão e de Maria do Carmo Pinto de Noronha Torrezão, ficou órfã de pai ainda na infância e, em decorrência disso, passou a auxiliar no sustento da casa desde muito cedo, inicialmente oferecendo aulas particulares de instrução primária e de francês. Fundou, junto à irmã, o periódico *Almanach das Senhoras*, em 1871. O periódico teve uma duração de 56 anos, um importante marco para a história dos periódicos feministas, que não tinham longa longevidade (Melo, 2024, p. 156). Em 1887, fundou o periódico *O Mundo Elegante*. Foi colaboradora em outros periódicos: *Ribaltas e gambiarras* e *Diário Ilustrado*. No primeiro, foi redatora e utilizou o pseudônimo Delfim de Noronha em seus primeiros dez números, enquanto nos seguintes passou a assinar com o próprio nome; no segundo, utilizou, além do próprio nome, o pseudônimo Gabriel Cláudio.

No século XIX, a Imprensa Periódica feminina, aos poucos, ganhou um lugar de respeitabilidade social. Essa imprensa das mulheres antecede o movimento feminista, conforme posto por Rosmarie Lamas em *Mulheres para além de seu tempo* (1995). Publicar enquanto mulher, entretanto, foi um ato pioneiro na busca por emancipação. Em 1807, o *Correio das*

Modas surgiu como o primeiro periódico dedicado ao público feminino, consolidando a leitura como prática cotidiana na elite. O *Almanach das Senhoras* (1871-1928), neste contexto, destacou-se por promover a solidariedade entre escritoras lusófonas e consolidar um espaço de protagonismo literário feminino (Araújo, 2008, p. 149).

Por outro lado, o advento da imprensa no Brasil, formalizado em 1808 com a chegada da Família Real Portuguesa, foi precedido por três tentativas falhas, frustradas pela repressão da Coroa, que visava manter a colônia sob controle cultural e intelectual. Com a abolição da censura em 1821, novos periódicos surgiram, promovendo debates sobre a independência e permitindo maior diversidade de vozes na imprensa. Um periódico feminino de relevância no Brasil foi o *A Mensageira*, sob a direção de Prisciliana Duarte de Almeida, prima de Júlia Lopes de Almeida, que existiu no período de 1897-1900. Nele, Guiomar Torrezão publicou a crítica literária que transcrevemos no item 4.

2.2. Júlia Lopes de Almeida e o cânone

Júlia Valentim da Silveira Lopes de Almeida nasceu no Rio de Janeiro, em 24 de setembro de 1862, e faleceu, também no Rio, em 30 de maio de 1934, aos 71 anos. Passou sua infância em Campinas, interior de São Paulo, onde iniciou sua jornada no mundo da escrita, aos 19 anos, quando começou a escrever para a *Gazeta de Campinas*. Em 1887, aos 24 anos, em Portugal, publicou seu primeiro livro, *Traços e Iluminações*, uma antologia de contos. No mesmo ano, casou-se com Filinto de Almeida, poeta e dramaturgo português. Retornou ao Brasil em 1888, publicando em terras brasileiras o folhetim *Memórias de Martha*.

Júlia obteve fama absoluta no Brasil e foi muito conhecida em Portugal, mas foi esquecida pelo cânone literário e, por consequência, pelos livros didáticos e pelos manuais de literatura. Ainda assim, sua reinserção no cânone literário por meio dos vestibulares de ingresso às universidades estaduais paulistas se fortaleceu nos últimos anos.

A fama de Júlia Lopes de Almeida no Brasil se firmou pela qualidade dos escritos e por sua profusão; com mais de 40 títulos, ela figurava como uma das melhores autoras da época, tendo participado de diversos concursos literários e vencendo-os ou ficando em posições relevantes. Em 1894, Almeida participou de um concurso literário promovido pelo *Correio Paulistano* com o conto “Os Porcos”, sob o pseudônimo de Francisco Affonso. O resultado do concurso saiu na edição 11.374, no dia 06/10/1894, revelando que a autora venceu o concurso, ficando com o primeiro prêmio no valor de 150 réis e sendo laureada com o seu nome real e não com o pseudônimo.⁵ Isso significa que, em 1894, Almeida era percebida como excelente contista a ponto de ganhar o primeiro prêmio do concurso. Contudo, esses votos e prêmios pouco puderam fazer para evitar a obliteração de Júlia Lopes de Almeida das histórias da literatura e do cânone literário.

Acerca disso, o artigo “Para um estudo da escrita feminina para além do cânone: Teresa Margarida da Silva e Orta, Carmen Dolores e Júlia Lopes de Almeida” (Lopes *et al*, 2023), traz a relação entre as histórias de literatura brasileira e a inclusão e exclusão de Júlia Lopes de Almeida. Os autores analisaram as histórias de literatura produzidas por José Veríssimo, 1905 e 1916; Arthur Motta, 1930; Nelson Sodrê, 1938; Afrânio Coutinho, 1955, Antonio Candido, 1957 e Alfredo Bosi, 1970 e chegaram em um resultado que é melhor visualizado no seguinte quadro:

⁵ É possível consultar a edição aqui:

<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_05&pesq=%22JULIA%20LOPES%20DE%20ALMEIDA%22&pasta=ano%20189&hf=memoria.bn.br&pagfis=5674>

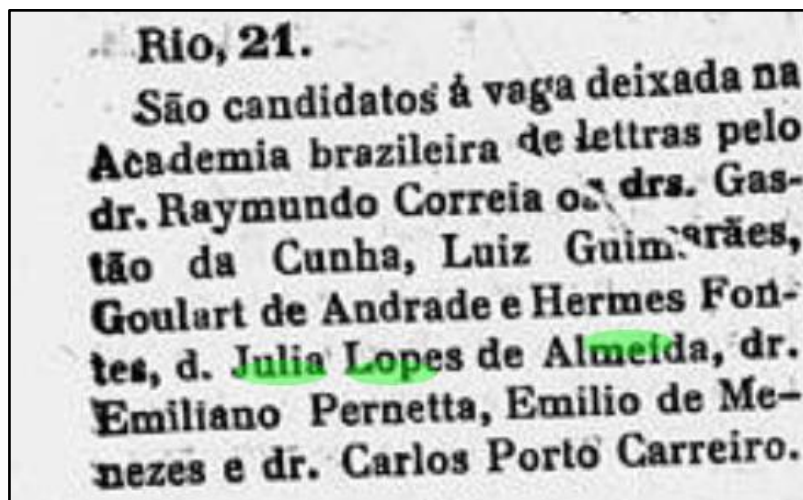
Autor e material sobre a história da Literatura	Cita ou não cita Julia Lopes de Almeida?	Quantidade de espaço destinado à Almeida
José Veríssimo, <i>Estudos de Literatura Brasileira</i> , 5ª série. Publicado em 1905.	Sim, cita.	Um capítulo inteiro, com 11 páginas.
José Veríssimo, <i>História da Literatura Brasileira de Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908)</i> . Publicado em 1916.	Não cita.	Nenhum.
Arthur Motta, <i>Historia da litteratura brasileira: Epoca de transformacao</i> . Publicado em 1930.	Não cita.	Nenhum.
Nelson Sodré, <i>História da Literatura Brasileira: seus fundamentos econômicos</i> . Publicado em 1938	Sim, cita.	Três linhas com biografia da autora.
Afranio Coutinho, <i>A Literatura no Brasil</i> , volume II. Publicado em 1955.	Sim, cita.	Breve citação no capítulo “O conto, do realismo aos nossos dias”
Antonio Candido	Não cita.	Nenhum.
Alfredo Bosi	Não cita.	Nenhum.

Além disso, Julia Lopes de Almeida, segundo Asmar Fanini, no livro *A (in) visibilidade de um legado: seleta de Textos Dramatúrgicos Inéditos de Júlia Lopes de Almeida* (2016), foi uma das idealizadoras da Academia Brasileira de Letras, mas, por ser mulher, não pôde assumir a Cadeira. Outrossim, foi descoberto por nós, dentro da Biblioteca Nacional Digital, um texto que traz a possibilidade de Julia Lopes de Almeida, única mulher entre outros cinco candidatos homens, assumir a Cadeira de Raimundo Correia, no ano de 1911. Apesar dos esforços, Julia Lopes de Almeida não foi selecionada. O texto com os candidatos foi publicado no periódico *A Provincia*, de Recife, Pernambuco, na edição 262, no ano de 1911⁶ e pode ser visualizado abaixo:

⁶ O texto de *A Provincia*, ed.262, 1911, pode ser consultado aqui:

<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=128066_01&Pesq=%22JULIA%20LOPES%20DE%20ALMEIDA%22&pagfis=22097>

Figura 1:



Fonte: captura de tela de texto no periódico *A Província*, ed.262 de 1911. Disponível na Biblioteca Nacional Digital. Acesso em 19 de jun. de 2025

Apesar de Julia ter sido excluída das histórias de Literatura e da Academia Brasileira de Letras, está havendo uma reinserção da autora no cânone, que é percebida desde o começo dos anos 2000, com o trabalho da Editora Mulheres, encabeçada pela professora brasileira Zahidé Muzart, que procurou editar e publicar livros de diversas autoras obliteradas pelo cânone literário. Contudo, esses mesmos volumes da Editora Mulheres são raros no mercado editorial atual. Além desta, houve tentativas de recuperação a partir de diversos trabalhos acadêmicos, mas estes não conseguiram ultrapassar os muros da Universidade — até agora.

Recentemente, com a inserção de Julia Lopes de Almeida na lista de leitura obrigatória para os vestibulares da UNICAMP (2020) e FUVEST (2026), pôde-se notar o aumento da consciência coletiva sobre os escritos de Almeida, além do incentivo para um alumbramento da autora e para a chegada dos trabalhos acadêmicos na sociedade. Os resultados dessa inserção, futuramente, poderão propiciar uma possível mudança nos livros didáticos e nas histórias da Literatura, fazendo com que, dessa forma, o trabalho de Julia Lopes de Almeida seja reconhecido ao lado de seus contemporâneos homens.

Guiomar Torrezão e Julia Lopes de Almeida apresentam uma relação interessante, além de ocuparem o mesmo período histórico, sendo Julia 18 anos mais nova que Guiomar, as autoras liam os escritos uma da outra e dialogavam de diferentes maneiras⁷. Julia considerava Guiomar uma “elegante prosadora”⁸ e Guiomar por sua vez considerava Julia “uma das mais gloriosas escriptoras da actualidade”⁹. O entrelaçamento dessas mulheres ocorreu também de forma espacial, sendo que compartilharam a geografia, mesmo que temporária, em Portugal. Além disso, escreveram exaustivamente a temática da necessidade de melhorar e possibilitar a instrução feminina, alguns artigos das autoras que tratam sobre isso são “Educação”, publicado no *Almanach Popular Brasileiro* e “Entre Amigas”, publicado na revista *A Mensageira*, ambos de

⁷ Ambas autoras produziam e consumiam conteúdo da revista *A Mensageira*.

⁸ Comentário retirado do texto “Guiomar Torrezão” escrito por Julia Lopes de Almeida, publicado em 1889, na revista literária *A Estação*. Disponível na Biblioteca Nacional Digital.

⁹ Comentário retirado do texto “Julia Lopes de Almeida” escrito por Guiomar Torrezão, publicado em 1899, na revista literária *A Mensageira*, pág 101. Disponível na Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin

1897, de Julia Lopes de Almeida, e a publicação periódica “Cartas Lisbonenses” publicada no periódico *O Liberal do Pará* entre 1879 e 1880, de Guiomar Torrezão, que discorreram furtivamente sobre a educação e o trabalho femininos. Afinal, somente com a instrução feminina seria possível ocorrer a escrita feminina e, por consequência, a crítica literária também feita por mulheres.

3 Torrezão e Almeida na Imprensa Periódica: intelectualidade e emancipação

Guiomar Torrezão e Julia Lopes de Almeida foram, além de escritoras, críticas e pensadoras da condição feminina. Em diversos artigos, as autoras refletem sobre a instrução feminina e a necessidade de possuírem uma “profissão que ampare num dia de lucta” (Almeida, 1987. p.3). A fim de entender essa questão no entresséculos, trazemos aqui a transcrição de um trecho de uma das “Cartas Lisbonenses”, de Guiomar Torrezão (Melo, 2024), uma publicação periódica feita em solo brasileiro no periódico *O Liberal do Pará* (PA), e trechos de dois artigos de Almeida: “Educação”, publicado no *Almanach Popular Brasileiro*, de 1897 e “Entre Amigas”, publicado na revista *A Mensageira*, também de 1897.

Tendo representado uma relevante participação na constituição da Imprensa Periódica lusófona escrita por mulheres, Guiomar Torrezão se colocou ativamente como uma defensora do trabalho feminino, colocando que o “fazer honesto” feminil resultaria na independência da mulher. A escritora descreveu, em uma de suas “Cartas Lisbonenses”, uma instituição inglesa de bordado que contratava mulheres:

[...] ocorre-me descrever á leitora uma notavel instituição ingleza, destinada a fazer face a um dos mais arduos problemas dos nossos dias, o trabalho feminino, e como resultante a independencia da mulher, isto é o viver honesto, ao abrigo da miséria e das crueis humilhações ou dos expedientes vergonhosos de que ella se rodeia. (Torrezão, 1879, p. 2).

Porém, para que se abrissem os caminhos da emancipação da mulher, foi-se necessária uma primeira defesa da educação feminina. Em “Educação”, Julia traz uma série de apontamentos acerca da educação pueril, de rotinas diárias, higiene e comportamento infantil até à educação intelectual. Neste artigo, Julia defende que as mães são os melhores mestres e por esse motivo deveriam ter acesso à uma educação de qualidade. Seguem abaixo trechos selecionados transcritos do artigo de Almeida:

Ha muito quem tenha a mania de começar cedo a ensinar cousas, quasi sempre de uma maneira complicadissima, às pobres criancinhas! Esse systema, já tão reprovado, é ainda seguido com verdadeiro ardor por muitos paes, que, sem quererem comprehender que estiolam pelo cansaço o cerebro dos filhos, obrigam-os a um verdadeiro martyrio martelando-lhes aos ouvidos, já paciente, já impacientemente, as syllabas das cartilhas ou os numeros das taboadas!

Para que? Para tornal-as funestas crianças prodigios ou para que tomem aversão ao estudo!

Mas isso é uma barbaridade inutil! O que se aprende depressa, depressa se esquece; deixemos avigorar-se o espirito das crianças, e, quando as ensinarmos, tenhamos o cuidado paciente de envolver o trabalho na alegria, na distracção

que o torne ameno e até desejado.

E' um encargo esse que nenhuma mãe deveria declinar de si o ensino dos filhos, ao menos os primeiros passos: leitura, escripta, contas, um pouco de geographia e de desenho. Já não falo em outras materias, como geometria, linguas, etc., porque desgraçadamente a nossa instrucção é em geral de uma pobreza pasmosa e não permittiria acompanhar até mais longe o estudo de uma criança nem dirigil-o convenientemente!

Nenhum mestre póde ser mais insinuante, mais querido, mais doce, mais persuasivo, do que a mãe! (ALMEIDA, 1897. p. 269)

Depois disso, a autora prossegue e se detém na questão da educação feminina, colocando em contraponto o que é ensinado à meninas e o que é necessário saber para ser uma boa mestra/mãe:

E é principalmente essa missão que deve induzir todas as moças a lêr e a estudar com atenção. Aprender para ensinar, com intelligencia, alegremente, maternalmente!

A nossa educação superficial, essencialmente decorativa, não nos permite certamente responder a todas as perguntas curiosas dos pequeninos a quem temos o dever indeclinavel de guiar. Ahi a nossa desgraça! Se elles nos perguntam pelos phenomenos da natureza, os primeiros a attrahirem a sua atenção, que resposta lhes damos? Elles querem saber o que é o calor, o vento, a chuva, o frio; se a lua está pregada no céu, de que é feita a sua luz, como e por que lampejam as estrellas, por que se une no horisonte a terra ás nuvens; e o que é a terra, a pedra, o movimento, a agua, o sol, o som, a vaga, a flor, o insecto, a montanha, o fogo, o aroma, tudo, e nós, a quem isso não foi nitidamente ensinado, ficamos envergonhadas, humilhadas com um profundo desgosto de nós mesmas.

Então é que nos vem á mente o desprezo pela instrucção ornamental, apparatusa, com que conquistamos nas salas o prestigio e o renome! São os labios innocentes e roseos das crianças que nos infligem o castigo do velho tempo perdido a dedilhar exercicios e musicas, onde na maior parte das vezes não entrava a nossa alma, a nossa vocação, mas simples e meramente o desejo de brilhar! (ALMEIDA, 1897. p. 269)

Após isso, a autora segue em uma crítica à sociedade que impõe certos estudos “decorativos” às moças em detrimento do estudo intelectual:

A nossa desgraça está, portanto, em que o <elemento decorativo continúa a predominar, quer se trate do adorno do corpo, quer das conquistas do espirito! >

Sem consultar vocações nem vontades, exige-se, em geral, que todas as moças toquem piano, cantem, saibam fazer sala e falar francez...

Não nos passa pela idéa que uma senhora se possa dedicar a um estudo sério e ponderoso, no doce recolhimento do seu gabinete, com o méro intuito de transmittir um dia aos filhos as suas observações e os seus trabalhos, dando-lhes uma educação despretenciosa e solida.

Isso é que nos pareceria ridículo! Uma mulher interessada por botânica, uma mulher dada ao estudo das línguas, da mathematica, da physica ou da historia natural !

Pedantismo imperdoável, na doce creatura nascida para o labor rotineiro da agulha e das receitas culinarias! Não nos lembramos que o tempo, afinal, não é tão pouco que nos não dê occasião para tudo que fazemos e para muito mais que fariamos se tivéssemos incentivo, força de vontade e diligencia! Cada hora que passa deve deixar-nos alguma cousa de util.

A vida é curta e é tão bonito saber aproveitá-la! (ALMEIDA, 1897. p. 270)

A autora encerra sua crítica e retoma um discurso apaziguador, trazendo à tona a missão da mulher como mãe:

Vamos, minhas amigas, tenhamos coragem para levar a nossa missão ao cabo! Ella não é leve, mas é com certeza a mais pura, a mais justa, a mais ampla, a mais bemdicta entre as bemdictas!

S. Paulo.

Julia Lopes de Almeida. (ALMEIDA, 1897. p. 270)

O segundo artigo, “Entre amigas”, foi publicado na revista *A Mensageira*, que tinha como editora Prisciliana Duarte e público-alvo mulheres. O artigo de Julia traz o espanto e a esperança de que se é possível um jornal ter como foco mulheres leitoras, por quê não seria possível mulheres intelectuais e trabalhadoras? Julia tece seus comentários sempre pautados no bem da família: a mulher precisa de instrução, mas é pelo bem familiar. Seguem abaixo alguns trechos selecionados

transcritos:

Já na abertura do artigo há o espanto e esperança de Almeida:

Não é sem algum espanto que eu escrevo este artigo, para um jornal novo, e, de mulheres!

E' uma tentativa sem grandes fundamentos? Viverá pouco? ficará? Só o tempo poderá responder a estas perguntas; entretanto, que fique, ou que passe no sopro ligeiro dos dias curtos, esta revista assignala um facto, digno de attenção de que o movimento femi-nista vae desenvolvendo a força das suas azas, no Brazil.

A mulher brasileira conhece que pode querer mais, do que até aqui tem querido; que pode fazer mais, do que até aqui tem feito. Precisamos comprehender antes de tudo e affirmar aos outros, atados por preconceitos e que julgam toda a liberdade de acção prejudicial á mulher na familia, que é a bem da propria familia, principalmente d'ella, que necessitamos de desenvolvimento intelectual e do apoio seguro de uma educação bem feita. (ALMEIDA, 1897. p. 3)

Após essa introdução, Almeida faz uma crítica à sociedade brasileira:

Os povos mais fortes, mais praticos, mais activos, e mais felizes são aquelles onde a mulher não figura como mero objecto de ornamento; em que são guiadas para as vicissitndes da vida com uma profissão que ampare num dia de lucta, e uma boa dose de noções e conhecimentos solidos que lhe aperfeiçoem as qualidades moraes. (ALMEIDA, 1987. p. 3)

Julia continua a crítica, mas agora à destina aos pais: “Os paes não pesam estas responsabilidades e é frequente ouvirmos dizer: que sempre é mais barato e mais facil educar as meninas do que os rapazes...” (ALMEIDA, 1987. p. 3)

Após isso, ela diz que tem receio de falar sobre a educação feminina, por medo de não ser aceita, mas como a *A Mensageira* se destina a mulheres, sente confiança em expor seu ponto de vista: “ O assumpto é tão melindroso, que eu o evito sempre, e se lhe tóco hoje, é porque a indole especialissima deste jornal a elle me chama com certa imposição e insistencia...” (ALMEIDA, 1987. p. 3)

Almeida continua sua crítica e traz exemplos práticos sobre a necessidade da mulher possuir conhecimentos para ser uma boa mãe:

Para chegar ao resultado magnifico de saber viver, e o que é mais: ensinar a viver bem aos filhos, eu creio que a mulher precisa de habilitar-se para a vida, como a pastorinha para o campo, com a compreensão nitida e perfeita das suas responsabilidades. Uma mulher ignorante, ou futil, não pode ser uma mãe perfeita. (ALMEIDA, 1987. p. 3)

E segue acerca da exclusão das mulheres nos ambientes masculinos:

Ora como pode uma mulher, criada entre o piano e a valsa, ou quando muito entre o pudim e a agulha, agasalhar um pensamento curioso de um filho, elucidal-o, tornando as suas palavras simples, como verdadeiras pontas de luz com que esclareçam as coisas mais complicadas e terriveis, fazendo-as entrar no cerebro da creança do modo mais natural e mais logico?
Banida do convivio espiritual do homem, como pode a mulher bem educar o homem? (ALMEIDA, 1987. p. 4)

Almeida elogia a revista *A Mensageira* e expõe que a revista tem o papel de incitar as mulheres aos estudos, a profissões remuneradas e ao “ideal puro que as enriqueça”:

Esta revista, dedicada ás mulheres, parece-me dever dirigir-se especialmente ás mulheres, incitando-as ao progresso, ao estudo, á reflexão, ao trabalho e a um ideal puro que as nobilite e as enriqueça, avolumando os seus dotes naturaes. Ensinará que, sendo o nosso, um povo pobre, as nossas aptidões podem e devem ser aproveitadas em variadas profissões remuneradas e que auxiliem a familia, sem detrimento do trabalho do homem. (ALMEIDA, 1987. p. 4)

Em seguida Almeida traz a necessidade de se ter mulheres em profissões e o quão raras elas são:

Temos poucas medicas, e mesmo escriptoras, se não temos de menos, tambem não temos de mais (e entre parenthesis: a Mensageira que abra os olhos às senhoras que pensam que se pode escrever com a mesma facilidade com que se pode fazer crême de laranja ou manjar branco, coisas aliás delicadas); temos já algumas senhoras emprega-gadas no telegrapho, no commercio, e nas industrias e artes, mas a porcentagem é tão diminuta que nem vale o alludir-se a ella. (ALMEIDA, 1987. p. 5)

Ela finaliza o texto retornando ao seu papel de esposa e mãe, mas deixando sua aprovação acerca da existência, ou resistência, da *A Mensageira*:

Não sei qual é o programma da Mensageira, escrevo de longe, para satisfazer ao desejo de uma amiga carissima, em um cantinho tepido de jardim, bafejada pelas caricias de meus filhos amados, na melhor paz do mundo. Não sei qual seja o programma desta nova folha on-sada, mas conheço o coração que a hade dirigir atravez das venturas e dos reveses, e por sabêl-o bom, generoso e forte, é que affronto esta affirmativa: esta nova revista, dedicada às mulheres, será para as mulheres um apoio forte e um conselho generoso e bom. JULIA LOPES DE ALMEIDA. (ALMEIDA, 1987. p. 5)

Após a leitura dos artigos “Educação” e “Entre Amigas”, de Julia Lopes de Almeida, e dos atuais estudos acadêmicos de sua obra, foi possível aferir, com base principalmente no artigo “O ‘feminismo possível’ de Júlia Lopes de Almeida (1862-1934)”, de 1999, de Leonora de Luca, que a autora teceu suas críticas baseadas no bem familiar, pois esse era o “feminismo possível” da época.

Imagem 02: grupo de mulheres no I Congresso Internacional Feminista no Rio de Janeiro, RJ, de 1922. Julia Lopes de Almeida é a presidente de honra do Congresso. Julia é a segunda sentada da esquerda para a direita. Usa um vestido preto, chapéu e está com as pernas cruzadas.

Fonte: Arquivo Nacional.¹⁰

4 A Crítica Literária feita por mulheres e o entrecruzamento de olhares

Para entrecruzar os olhares das escritoras Guiomar Torrezão e Julia Lopes de Almeida selecionaram-se dois artigos: “Guiomar Torrezão”, de Julia Lopes de Almeida, publicado no periódico *A Estação*, em 1889, e “Julia Lopes de Almeida”, de Guiomar Torrezão, uma publicação póstuma feita no periódico *A Mensageira*, dez anos depois, em 1899. Trata-se de textos laudatórios, nos quais ambas resgatam encontros que tiveram e furtivas trocas que permearam tais momentos. Ao escolhê-los, recuperam-se as críticas das autoras sobre elas mesmas em uma via de mão dupla, abrindo a possibilidade de pensar na crítica literária feita por mulheres.

Acredita-se que esse resgate é essencial para a prospecção e continuidade de estudos sobre mulheres críticas e escritoras que existiram e trabalharam no entresséculos XIX- XX. O artigo de Julia menciona, inclusive, um outro de Guiomar, no qual a escritora havia redigido uma crítica literária à obra *Traços e Iluminuras*, de Julia Lopes de Almeida¹¹.

¹⁰ Imagem disponível no Arquivo Nacional aqui:

<https://sian.an.gov.br/sianex/consulta/Pesquisa_Livre_Painel_Resultado.asp?v_CodReferencia_id=1105372&v_ba=2>

¹¹ Embora tenha sido feita uma busca online na Hemeroteca da Biblioteca Nacional Digital de Portugal, sobre os anos de 1887 e 1888, no periódico *Diário Ilustrado*, com o objetivo de encontrar o mencionado artigo, não foi possível localizar o texto. Visto que o arquivo em questão não possui em sua integralidade todos os dias de publicação, imagina-se que o artigo não esteja disponível para consulta por meio da internet.

4.1. *Guiomar Torrezão sob os olhos de Julia Lopes de Almeida*GUIOMAR TORREZAO¹²

Falei-lhe pela primeira vez na agua!

O sol de Outubro punha lapidações maravilhosas na superficie azul e ondeante do mar. Uma ou outra *chata* balançava-se serena, ao impulso rythmado dos remos, levando para o largo os nadadores. Uma manhã encantadora!

Na praia, entre as barracas enfileiradas como um rancho de collegiaes no traje de commungantes, as banhistas punham a nota alegre e pittoresca dos seus fatos á maruja. Debaixo de sombrinhas escocesas, as espectadoras conversavam, vendo passar, numa promiscuidade irritante, as burguezas felizes, ostentosas e alegres, e as raparigas pobres, de olheiras fundas e faces maceradas.

Ouviam-se gritinhos nervosos, risadas francas; dialogos alegres, queixas contra a monotonia do club, reparos sobre a *flirtation* de alguns pares descuidosos e contentes. As crianças corriam, juntando áquelle zum-zum as suas exclamações, enterrando na areia os pésinhos calçados a branco e as pás de madeira com que se entretinham a esburacar o solo. Umas hespanholas benziavam-se antes de irem para a agua, e nos braços cabelludos de um rapaz trigueiro, entrava no mar um lirio desmaiado, uma criança rachitica, medrosa, quasi desfallecida.

Sobre as ondas, além, iam demandando a barra, como grandes cysnes serenos de azas erguidas, os barquinhos de vela.

--Linda manhã de Outomno!

Pois foi nesse scenario todo azul e prata que eu vi e falei pela primeira vez com a elegante prosadora Guiomar Torrezão. Chamará o velho banheiro, Raphael, para apanhar um annel que lhe cahira; eu ia boiando com os olhos fechados e rocei por ella. Duas palavras a pedir desculpa... Interesse pelo annel perdido e eis-nos a conversar.

Dias depois, nessa mesma pequena praia de Cascães, depois do banho e antes de ir á goloseima dos saborosos figos, que já estavam á minha espera na risonha saleta de jantar, entre as folhas asperas e frescas da figueira; dias depois, dizia, do primeiro encontro, offereci a Guiomar Torrezão um exemplar dos meus contos *Traços e Iluminuras*. Nunca ouvira o meu nome. Surprehender-me-ia o contrario; elogiou no livro o desenho de Raphael Bordallo, disfarçando a convicção de não esperar vêr dentro d'elle cousa correspondente ao que lhe admirava por fóra. Despedimo-nos. Eu fui comer os saborosos figos já á minha espera, entre as folhas asperas e frescas da figueira; Guiomar Torrezão foi talvez fazer o mesmo, o que, á vista do seu bom gosto, é mais do que provavel.

Não nos tornámos a falar em Cascaes. Ella trabalhava em casa os seus artigos; via-a raras vezes, de longe, fugitivamente; eu jogava com as amigas o *croquet*, á sombra das arvores do Passeio Publico, ou lia no terraço do club os ultimos jornaes chegados.

A estação balnear passava. Já o ventosinho precursor do inverno, enrugava as aguas e punha estremecimentos e arrepios nos corpos dos banhistas. Debandavam as famillas; hoje

¹² Texto "Guiomar Torrezão" escrito por Julia Lopes de Almeida, publicado em 1889, na revista literária *A Estação*. Disponível na Biblioteca Nacional Digital. Aqui: <<https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=709824&Pesq=%22JULIA%20LOPES%20DE%20ALMEIDA%22&pagfis=868>>

uma... amanhã outra.. no outro dia duas, tres e a pouco a pouco iam ficando naquella antiga, arida e encantadora povoação unicamente os pescadores.

De volta para Lisboa perdermo-nos de vista. Não encontrava havia muito a authora do formoso livro *Paris*, quando um dia deparei no *Diario Illustrado* com um bello e amavel artigo seu, a respeito do meu humilde livrinho. Agradei-lhe numa carta, e muito mais tarde, em vesperas de regressar ao Brasil, acompanhada por meu marido, fui visitá-la á rua de S. Bento onde armou o seu ninho elegante e artistico.

Fizeram-nos entrar para a escriptorio, uma sala ampla, illuminada por duas janellas ornadas de cortinas.

Em frente ás janellas, sobre pequenas mesas redondas, vasos de plantas naturaes, begonias, caladiuns e avencas pendurando as suas hastesinhas escuras, delicadas e flexiveis em ondulações graciosas. Nas paredes photographias de artistas celebres, quadros e exemplares galantes da moderna loica de Caldas, entre esses, sobre não me lembra que movel, uma bilha de seductora originalidade: havana, com amolgadellas fundas, gargalo curto e largo, toda ella envolvida lassamente por uma correia, perfeita imitação de couro, que, formando-lhe uma aza ampla acaba, junto a um encaixe para cartões, n'esse encaixe um bilhete de visita de Raphael Bordallo Pinheiro com um oferecimento gentil a Guiomar Torrezão.

Hesitava em acreditar que fosse tambem de loica esse bilhete, e sorria-me da ideia admirando a obra, quando nos conduziram para um gabinete contiguo á sala. Abandonando o escriptorio, onde na larga secretária deixára a dona da casa folhas de almaço cobertas pela sua lettra *elancée*, penetramos num aposento pequeno, risonho, cheio de *bibelots*. Entre muitos retratos espalhados, numa mesa a um canto, peguei casualmente num; era o de Alexandre Dumas Filho e dizia em baixo: A Mme. Guiomar Torreção mon aimable traducteur. Muitos perfis de escriptores e artistas celebres.

Num *sachet* cor de rosa pallida, encaixilhado e suspenso num dos logares mais salientes do gabinete, uma flor do feretro de Victor Hugo, uma rosa, já murcha, languidamente pendida sobre a maciez do setim. Essa rosa tinha sido dada á escriptora portugueza pelo neto do grande mestre; adornára-lhe o travesseiro, tocára-lhe na face engilhada e serena, perfumára-lhe a barba branca como os fios do linho lavado. Isso era o bastante para ser tida como reliquia.

Como nos arrasta ás vezes o pensamento uma futilidade qualquer! Uma pobre florinha nasce um dia, desabrocha, abre-se ao ar da manhã toda ella simplesa, toda ella candura, toda ella ignorancia! Morre um poeta, que culpa tem ella disso? e cortam-n'a, e levam-n'a e depoem-n'a sobre a cabeça gelada do velho sonhador; em vez do orvalho da aurora ou das frescas gottinhas d'agua com que a pulverizaria o cuidadoso jardineiro, sente äljofradas de lagrimas quentes e amargas as suas petalas veludas e tenras; e a pouco e pouco; como que penetrada de tanta dor, desmaia, enlanguesce e morre tambem. O amigo das flores acabára, as ultimas flores que elle já nem vira, nem admirára, nem pudéra cantar, vieram perfumar-lhe o feretro e extinguirem-se sobre elle.

E' justo que se tornem sagradas depois disso!

Desde então disputam-n'as com aidez e carinho mãos affeitas a desfolharem dia a dia os aromaticos lilazes e as bellas rosas quasi frescas! E' que ellas, as pobres florinhas amarellecidas, encarquilhadas e inodoras, como que trazem do velho poeta, um echo dos seus cantares, um pouco da sua alma partida, um beijo dos seus labios enregelados e mudos!

Porisso, enquanto em milhares de roseiras nascem e morrem milhares de flores, indifferentemente, essas, as baptisadas pelas lagrimas de um povo sincero no entusiasmo, entram nos cofres de filigrana, nas paginas dos albuns artisticos ou nos *sachets* de setim, encaixilhados com esmero, como o de Guiomar Torrezão.

Sentindo passos, voltámo-nos.

Alta, opulenta de fôrmas, com a pelle alvissima, tocada pelos reflexos do vestido escarlata, Guiomar Torrezão vinha até nós.

Sempre me intimidaram as pessoas de espirito: considerando a conversa como uma das coisas mais deliciosamente agradaveis, retraio-me de ordinario, deleitando-me só com ouvir.

D'essa vez eu ouviria tambem, limitando-me a atirar de vez em quando uma palavra, como um carvão nas brazas, para prolongamento da combustão.

Mas não aconteceu assim. Guiomar Torrezão queria um pouco da minha historia, eu devia narrar-lhe como em minha alma desabrocharam as doces alegrias do noivado. Exigia, na sua maneira de artista, um esboço da Felicidade que via brilhar diante dos seus olhos cançados de observar tantos e tantos quadros tristes! Não estavamos em frente de uma indiscreta escabixadora vulgar, mas de uma mulher superior, mas de uma corajosa luctadora da Vida, para quem o sentimento alheio não é um ponto de curiosidade vã

Calada a voz do coração, alagou-se a do espirito pelo risonho aposento.

Chegára a minha vez de ouvir.

Guiomar Torrezão e meu marido discutiam litteratura; fallavam de Zola, ainda mysterioso para mim, em caudaes torrenciosas de ologio e de assombro! Vi deslisar assim uma procissão de escriptores vivas e de escriptores mortos, sob a pulverisação dourada dos seus conceitos e observações.

De vez em quando desamarravam a Critica, essa cadellinha arteira, de dentes aguçados e olhar riso; a endiabrada saltitava um pouco, mordendo uns e festejando outros...

Sam biographar nem estudar Galomar Torresão como escriptora, coisas difficilimas para mim, contento-me com registrar aqui a agradável impressão que me fez sentir como conversadora; de resto já toda a gente a tem lido e dos seus multiplos trabalhos litterarios guardado com certeza bella impressão.

Robusta de corpo e de espirito Guiomar Torrezão trabalha sempre, é o braço forte da familia, aparando de cabeça erguida, resolutamente, todas as adversidades. Tem a seu lado, como o mais doce consolo, a mãe, a sua inseparavel companheira: para cercal-a de todo o conforto Guiomar Torrezão escreve em diversos jornaes simultaneamente; é um dos redactores do *Diario Illustrado*; proprietaria e redactora tambem de um jornal de senhoras, impresso em Paris, correspondente de outros periodicos, escrevendo para todos elles sem interrupção; traduz peças de theatro e lê os livros novos para noticial-os.

Assim, em seu elegante ninho em S. Bento, entre a fecundidade das carnudas begonias laivadas de vermelho, e a brancura respeitavel e serena dos cabellos da mãe, essa amiga insubstituivel, Guiomar Torrezão escreve, escreve sempre, rapida e febricitantemente, artigos, noticias, contos, comedias, tudo!

Julia Lopes de Almeida

4.2. Julia Lopes de Almeida sob os olhos de Guiomar Torrezão¹³

¹³ Texto "Julia Lopes de Almeida", escrito por Guiomar Torrezão, com publicação póstuma realizada no dia 15 de junho de 1899, no periódico feminista *A Mensageira*. O artigo é mencionado em muitos trabalhos que tratam sobre as escritoras Guiomar Torrezão e Julia Lopes de Almeida, porém, foi observado que, nesses trabalhos, o texto de Guiomar sofre muitas alterações, sejam elas de modernização da grafia das palavras ou até mesmo de pequenas alterações semânticas devido a essa modernização.

Julia Lopes de Almeida

Querendo render uma homenagem da mais sincera e entusiástica admiração á eminente prosadora brasileira Julia Lopes de Almeida, cremos que de nenhum modo o fariamos melhor do que preferindo á nossa voz, fraca e desautorizada, a palavra fina e competenten de Guiomar Torrezão que, para magua nossa, está eternamenbte silenciosa. Eil-a:

‘Pertence-nos por seu pae, o sr. visconde de S. Valentim, natural de Lisboa, mas pertence ao Brazil pelo seu berço e por quantos laços alli a prendem aos supremos amores do seu coração, o marido e os filhos, e aos primeiros arreboes do seu talento, a illustre escriptora, a sra. D. Julia Lopes d’Almeida.

Mal pensaria o dr. Valentim Lopes, medico e escriptor distincto, hoje visconde de S. Valentin, ao emigrar para o Brazil em 1856, mal pensaria a sua esposa, que com a filha que no Rio de Janeiro lhes nasceria a 24 de setembro de 1862, elles levavam á America do Sul a sua primeira escriptora!

Tão fraternalmente unidos caminham estes dois países, Portugal e Brazil, que as suas origens, o seu idioma, as suas glorias confundem-se e desdobram-se atravez do Atlantico, encontram-se e reflectem-se, desabrochando, como esta de que estamos tratando, em flores coloridas pelo ardente sol dos tropicos, que mergulharam a raiz nos crystaes do Tejo!

A infancia de Julia Lopes decorreu em Nova Friburgo.

Aos 6 annos, de volta ao Rio, facultou-lhe o apprendizado da letra redonda no Methodo Castilho sua mãe, a sra. D. Adelina Lopes, viscondessa de S. Valentim, uma *virtuose* vivamente festejada nas salas lisbonenses e fluminenses, uma intelligente senhora, esposa e mãe exemplar, a maior e natural iniciadora no limiar da vida, — a mãe! ao amoravel contacto da qual, da chrysalida, onde dorme a alma branca da creança, sae, librandose no azul do ether, a alada borboleta!

Delettreado, ou por outra, cantando o abecedario, de que mais tarde os negros caracteres, tocados pela sua penna e illuminados pela sua phantasia, seriam facetamentos de joias, quem sabe se a Arte, ainda ausente, namoraria já de longe a que inconscientemente para ella caminhava?...

Foi em S. Paulo, Campinas, que sob a direcção mental, o conselho, o estimulo, a lição instructiva de seu pae, se completou e afinou a educação de Julia Lopes. Foi alli tambem, no florente Estado das suas predilecções, que se lhe revelou para as letras a imperiosa vocação.

A collaboração da novel escriptora na Gazeta de Campinas, equivalou desde logo ás credenciaes que a acreditaram no dominio da Arte.

Seu pae, um espirito avançado, amando o bello sem lhe discriminar a procedencia, enlevandoi-se na luz do talento, sem lhe averiguar o sexo, levou a filha estremecida aos amplos horisontes onde o olhar refulge de um novo brilho, o coração palpita de um novo alento e a phantasia empluma e desfere novos e mais rasgados vôos.

Tres vezes a gentil escriptora brasileira viajou pela Europa, visitando a Inglaterra, a França, a Hespanha, a Suissa, a Italia e Portugal.

Em Lisboa a conheci e lhe devi a grata surpresa de vel-a em minha casa, acompanhada do querido companheiro, por tantas affinidades eleito da sua alma, seu marido, Filinto d’Almeida, um insinuante e adoravel rapaz, poeta de raça, um dos raros que descobriu o segredo de permanecer moderno, ao nivel da evolução actual, sem deixar de ser lyrico.

No crisol das viagens se foi depurando o oiro d’esse talento, engastado como gemma duplamente valiosa em uma rapariga modesta, singelissima, quasi timida, sem o menor vislumbre de pedantismo, tal qual é a sra. D. Julia Lopes d’Almeida e me deliciou a mim de a sentir, como triumphante documento comprovativo da cegueira, da imbecilidade ou da má fé dos que não vêem as escriptoras senão atravez da satyra de Molière, a algumas, por mal nosso,

applicavel.

A Lisboa conferiu a illustre escriptora a primazia de publicar-lhe o seu primeiro livro, *Traços e illuminuras*, uma serie de contos já anteriormente lidos nos jornais de S. Paulo, Rio de Janeiro e Lisboa, reveladores de grandes qualidades imaginativas, de parceria com um estylo naturalmente elegante e sempre despretencioso, sem o excesso de rethorica de que soffrem quasi todos os debutantes litterarios.

Em seguida, de collaboração com sua irmã mais velha, a sra. D. Adelina Amelia Lopes Vieira, poetisa de aprimorados dotes, victoriada no Brazil e em Portugal, onde Thomaz Ribeiro a consagrou como eleita das musas, a sra. D. Julia Lopes d'Almeida deu á estampa os Contos infantis em prosa e verso, destinados ás escolas primarias dos dois países, sendo essa obra approvada pela Instrucção publica da Capital Federal e outros Estados da Republica Brasileira, contando tres edições rapidamente esgotadas, cada uma de 5.000 exemplares, duas feitas em Lisboa e uma no Rio, facto excepcional, que testemunha o extraordinario merito d'esse trabalho modelar.

Na sua segunda viagem á Europa, demorando-se algum tempo em Lisboa e Cascaes, foi ainda em a nação a que tantas sympathias e tantas affinidades a vinculam, que a notavel escriptora concebeu o plano, e em grande parte o executou, do seu brilhante romance de costumes paulistanos, *A Família Medeiros*. Esse livro, onde se estereotypa o periodo de transição do trabalhador escravo para o trabalhador livre, é não só o documento de um alto espirito, affirmando-se na exteriorisação de uma idéa e na forma de conduzir-a e reproduzir-a, mas tambem a vibração de uma alma, condoendo-se da miseravel condição do escravo, espezinhado pela ferocidade da lei e pelo egoismo humano, e clamando em nome da sagrada causa dos fracos e dos desprotegidos contra o inexoravel despotismo dos fortes. Da penna de uma senhora, trazendo a auctorizal-a o vigor do seu talento a prestigiosa eloquencia da sua sensibilidade, brotou então uma das mais irresistiveis propagandas a favor do abolicionismo, um dos mais violentos protestos, exarado na pintura dos horrores da escravidão, contra o mercado da carne humana e com elle a apothese da regeneração pelo trabalho, cujos fructos, já sazoados, constituem ao presente a riqueza, a gloria e a prosperidade do opulento Estado de S. Paulo.

De tal sorte, que se a *Família Medeiros* encontrasse nas duas litteraturas, brasileira e portugueza, a mesma larga vulgarisação européa que obteve, pelo idioma em que era escripto, o celebre romance *Cabana do pae Thomaz*, Julia Lopes seria já hoje uma benemerita da humanidade e o seu nome gravar-se-hia em eltras immorredouras para a homenagem da posteridade, na mesma evidencia gloriosa onde se fixou o nome da grande romancista ingleza.

A *Família Medeiros*, que bastaria para evidenciar o superior talento da escriptora americana, é, sem duvida, a sua obra prima e e aquella que mais imperiosamente a impõe ao apreço da critica.

Nas conferencias realizadas em Lisboa pelo illustre poeta-prosador brasileiro, Valentim Magalhães, foi devidamente saudada por elle a supremacia literária d'esta senhora, que é, sem duvida, a primeira escriptora do seu paiz.

Trabalhando sempre, dividindo utilmente o seu tempo entre os deveres de esposa e mãe, amavelmente cumpridos, e aquelles que dimanam do outro amor do seu espirito, a Arte, Julia Lopes tem escripto sucessivamente os romances: *As memorias de Martha*, publicado em folhetins de um jornal redigido pelo celebre ministro do Imperio, visconde de Oiro Preto, e a *Viuva Simões*, inserto em folhetins da *Gazeta de Noticias* do Rio, agora reproduzido em volume pelo nosso estimado editor, o sr. Antonio Maria Pereira.

Ultimamente a insigne escriptora deu a lume o *Livros das Noivas*, deliciosa selecção de conselhos, indicações e lições femininas, de um grande alcance moral e economico, como só

poderia deslizar em desartificializada palestra íntima da fina penna de uma mulher, para mais realçada por uma edição luxuosa, artisticamente ilustrada. Toda a imprensa portuguesa e brasileira prestou a esses primores litterarios o tributo do seu applauso, estimulando e, sem restricções, louvando a fecunda e eminente prosadora.

Não descansando nunca e seguindo, sem cessar o ideal de toda a sua vida, — o culto á Arte e a divulgação e generalisação dos elementos moraes e educativos, tendentes a melhorar a condição humana, — Julia Lopes d'Almeida vae em breve publicar dois livros de contos, parte ineditos e outros insertos em jornais da sua collaboração: *O Paiz*, *A Gazeta de Noticias*, etc. Alguns d'esses contos trazem a diploma-os o premio obtido em concursos litterarios. N'esse numero sobressae *Os Porcos*, um primor litterario, premiado em 1.º lugar, em concorrência com 30 contos de diversos auctores, pela *Gazeta de Noticias*, um admiravel estudo naturalista, que, na opinião da critica, Zola não desdenharia.

Eis em rapidos traços, imperfeitamente desenhados, a fisionomia litteraria de uma das mais gloriosas escriptoras da actualidade, um pouco nossa, como já disse, visto que o seu talento desabrochando ao sol dos tropicos, mergulhou a raiz nos crystaes do Tejo.

Guiomar Torrezão

5 Um diálogo além-mar: o entrecruzamento de Guiomar Torrezão e Julia Lopes de Almeida

Ao entrecruzar os textos, três aspectos de contato se destacam. O primeiro e mais evidente são os títulos, uma vez que, em ambos os casos, este é o próprio nome da autora em crítica; o segundo é o compartilhamento de experiências no primeiro momento de contato entre as mulheres, numa praia de Cascais, mas sob pontos de vistas contrários: o de escritora e o de crítica literária; e o terceiro ponto é o da biografia, já que ambas as escritoras apresentam nos artigos transcritos a biografia uma da outra, talvez como forma de conhecimento de suas trajetórias e, dessa forma, de reconhecimento literário compartilhado.

O texto “Guiomar Torrezão”, de Julia Lopes de Almeida, é uma homenagem à Guiomar Torrezão, que Julia considerava uma “elegante prosadora”. Ao longo do texto, há maiores elementos que retratam a admiração dela por Guiomar e a surpresa de Almeida ao ser notada por Torrezão. Além dessa admiração, é perceptível que Julia, aos seus 24 anos, se sentia tímida perto da escritora: “Sempre me intimidaram as pessoas de espirito: considerando a conversa como uma das coisas mais deliciosamente agradaveis, retraio-me de ordinario, deleitando-me só com ouvir”.

O começo do texto é marcado com a experiência compartilhada onde se conheceram. A partir desse primeiro contato, Julia, escritora estreante, descreve: “offereci a Guiomar Torrezão um exemplar dos meus contos *Traços e Iluminuras*. Nunca ouvira o meu nome. Surprehender-meia o contrario;”.

Por fim, já em Lisboa, Julia se limita a registrar “a agradável impressão” que obteve da conversa com Guiomar, escrevendo uma pequena biografia, e conclui que Guiomar Torrezão “escreve, escreve sempre, rapida e febricitantemente, artigos, noticias, contos, comedias, tudo!”. Ao resgatar o percurso literário da homenageada, solidifica a sua importância no rol de escritoras femininas e o seu alcance textual.

Já Guiomar Torrezão, em “Julia Lopes de Almeida”, produz uma crítica literária não somente à obra como também à vida de Julia Lopes, constituindo uma biografia para a escritora

brasileira que parte desde seu nascimento, passando por seus anos de formação e, então, pela fase de maturação de sua literatura. Nesse artigo, Torrezão relata, também, o primeiro encontro com Julia e suas impressões da autora: “uma rapariga modesta, singelíssima, quasi tímida, sem o menor vislumbre de pedantismo”.

O artigo de Torrezão é definido, previamente pelo editor, como uma homenagem à “eminente prosadora brasileira” Julia Lopes de Almeida. Pela pena de Guiomar, Julia é definida como “primeira escriptora”, “gentil escriptora”, “illustre escriptora”, “notavel escriptora” e “insigne escriptora”, o que ressalta seu respeito e admiração à escritora brasileira. A ênfase no epíteto carrega um peso representativo muito forte, acabando por constituir efeito semelhante do alcançado no texto anterior, ao resgatar o seu percurso literário.

Torrezão relata que Julia publicou seu livro *Traços e Iluminuras*, “uma serie de contos já anteriormente lidos nos jornais de S. Paulo, Rio de Janeiro e Lisboa, reveladores de grandes qualidades imaginativas, de parceria com um estylo naturalmente elegante e sempre despretencioso, sem o excesso de rethorica de que soffrem quasi todos os debutantes litterarios”, em Lisboa, onde se encontraram uma outra vez, na residência de Torrezão e também na companhia do marido de Julia, o poeta Filinto de Almeida.

Esse encontro, permeado por uma troca entre as duas escritoras, provocou em Torrezão o seguinte pensamento: “(...) e me deliciou a mim de a sentir, como triumphante documento comprovativo da cegueira, da imbecilidade ou da má fé dos que não vêem as escriptoras senão atravez da satyra de Molière, a algumas, por mal nosso, applicavel.”, destacando a primazia de Julia Lopes lado a uma crítica à visão que se tinha de mulheres letradas no século XIX e em séculos anteriores, por meio da menção à obra *L'école des femmes*, de Molière, uma sátira à educação feminina no século XVII.

Os dois textos, afinal, além da admiração demonstrada uma pela outra, funcionam como memória para a reflexão sobre o papel das mulheres na literatura, o seu alcance artístico e, de certa forma, seu lado pessoal. Revelam a produção textual, o respeito pelo lugar que cada uma delas ocupava naquele espaço criativo, ocupado em grande parte por homens, principalmente quando se trata do cânone literário. É preciso resgatar muito mais textos como os dois aqui transcritos, uma vez que além da perspectiva de autoras, também possuem o potencial de demonstrar seu aspecto crítico.

6 Considerações finais

A análise dos textos críticos de Guiomar Torrezão e Júlia Lopes de Almeida revelou formas sutis e eficazes de atuação feminina no campo da crítica literária oitocentista. Esses textos não apenas registram encontros e admirações pessoais, mas constroem, por meio de escolhas retóricas e referências cruzadas, uma posição discursiva partilhada que projeta ambas as autoras como figuras intelectualmente ativas. Em lugar de simples louvores, os artigos operam como gestos de intervenção no debate literário, ampliando o espaço de enunciação para escritoras em um meio predominantemente masculino.

O uso da transcrição conservadora e da metodologia filológica permitiu abordar os textos em sua materialidade, preservando traços estilísticos, ortográficos e lexicais que enriquecem sua leitura crítica. Mais do que um recurso de edição, esse procedimento funcionou como meio de restituição das condições originais de circulação e recepção das críticas, evidenciando o lugar da imprensa periódica como suporte de autoria e mediação cultural. A articulação entre forma e contexto revelou como essas mulheres não apenas escreveram

literatura, mas refletiram publicamente sobre ela, inserindo-se ativamente nas discussões de seu tempo.

Ao trazer à tona esse diálogo intercontinental entre escritoras, o artigo contribui para o alargamento do campo dos estudos sobre crítica literária feminina, práticas de leitura e redes intelectuais no século XIX. Além disso, propõe caminhos para investigações futuras que cruzem Filologia, estudos de gênero e história da imprensa, com atenção especial às formas de circulação e legitimação de autoras em contextos marginais ao cânone. Reconstituir essas vozes, com o rigor que sua complexidade exige, é também reafirmar a pluralidade crítica que compõe a história da literatura em língua portuguesa.

Referências

Araújo, M. da C. P. *Tramas femininas na imprensa do século XIX*: Tessituras de Ignez Sabino e Délia. 2008. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Rio Grande do Sul, 2008.

A Província. Recife, PE, ano XXXIV, n. 262, p. 1, 1911. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=128066_01&Pesq=%22JULIA%20LOPES%20DE%20ALMEIDA%22&pagfis=22097>. Acesso em: 20 set. 2025.

Almeida, J. L. de. *Guiomar Torrezao*. In: *A Estação*, ed. 6. Rio de Janeiro. 1889. Disponível em: <<https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=709824&Pesq=%22JULIA%20LOPES%20DE%20ALMEIDA%22&pagfis=868>>. Acesso em: 20 set. 2025.

Almeida, J. L. de. Educação. In: *Almanach Popular Brasileiro*, 2. ed. Pelotas, Rio Grande do Sul, 1897. Disponível em: <<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=829684&Pesq=%22julia%20lopes%20de%20almeida%22&id=5444701735651&pagfis=513>> Acesso em: 20 set. 2025.

Almeida, J. L. de. Entre amigas. In: *A Mensageira: revista literária dedicada à mulher brasileira, directora Presciliana Duarte de Almeida*. – Edição fac-similar / com comentários de Zuleika Alambert. Imprensa Oficial do Estado São Paulo, São Paulo, 1987.

Azevedo Filho, L. A. de. Sobre o conceito de edição crítica. *Humanitas*, Coimbra, v. 58, pp. 15-22, 2006. Disponível: <https://www.uc.pt/fluc/eclassicos/publicacoes/ficheiros/humanitas58/01_-_Leodega_rio.pdf>. Acesso em: 20 set. 2025.

Carvalho e Silva, M. de. A palavra filologia e as diversas acepções: os problemas de polissemia – filologia e crítica textual. *Confluência*, Rio de Janeiro, n. 23, pp. 53-70, 1º sem. 2002.

CORREIO PAULISTANO. São Paulo, SP, ano XLI, n. 11374, pp. 2, 6 out. 1894. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_05&Pesq=%22JULIA%20LOPES%20DE%20ALMEIDA%22&id=3294705909191&pagfis=5674>. Acesso em: 20 set. 2025.

Cunha, A. G. da; Megale, H. e Cambraia, C. N. A carta de Pero Vaz de Caminha: reprodução fac-similar do manuscrito com leitura justalinear. São Paulo: *Humanitas*. 1999. Acesso em: 25

jun.2025.

De Luca, L. O “feminismo possível” de Júlia Lopes de Almeida (1862-1934). *Cadernos Pagu*, Campinas, SP, n. 12, pp. 275-299, 1999. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8634918>>. Acesso em: 20 set. 2025.

Duarte, C. L. Estudos sobre mulher e literatura: permanência e desafios. In: Flores, C. (org). *Mulheres e literatura: ensaios*. Natal: Edunp, 2013.

Duarte, C. L. Literatura feminina e crítica literária. *Travessia: Revista de Literatura Brasileira da UFSC*, Florianópolis, n. 21, Edição “Mulher e Literatura”, 1990. pp. 15-23.

Fanini, M. A. (org.). *A (In)Visibilidade de Um Legado: Seleta de Textos Dramatúrgicos Inéditos de Júlia Lopes de Almeida*. São Paulo: Editora Tordesilhas, 2016.

Herrero, V. J. *Introducción al estudio de la filología latina*. Madrid: Gredos, 1965.

Lamas, R. W-N. *Mulheres para além de seu mundo*. Portugal: Bertrand, 1995.

Lopes, J. de S. et al. Para um estudo da escrita feminina além do cânone: Teresa Margarida da Silva e Orta, Carmen Dolores e Julia Lopes de Almeida. *Miguilim*, v. 12, n. 3, pp. 114-138, 2023. Disponível em: <<http://revistas.urca.br/index.php/MigREN/article/view/1003/614>> Acesso em: 28 de jun de 2025.

Martins, M. F. Crítica Literária, *E-Dicionário de Termos Literários (EDTL)*, 30 dez. 2009, coord. de Carlos Ceia, ISBN: 989-20-0088-9, em: <<https://edtl.fcsh.unl.pt>>, consultado em 26-11-2023.

Melo, L. dos M. As “Cartas Lisbonenses” (1879-1880) de Guiomar Torrezão: a educação feminina no Brasil oitocentista e o elo Portugal-Brasil no periódico paraense O Liberal do Pará. *Linha D'Água*, São Paulo, v. 37, n. 4, pp. 158-172, 2024.

Torrezão, G. Julia Lopes de Almeida. *A Mensageira*, São Paulo. 1899.

Torrezão, G. Cartas Lisbonenses, O Liberal do Pará, n.º 204, 07 set. 1879, p. 2.

Recebido em: 21/09/2025

Aceito em: 15/12/2025